

PSICOESTIMULANTES SOB A PERSPECTIVA DA CULTURA DO DESEMPENHO: RISCOS ASSOCIADOS AO USO INDEVIDO EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DE MEDICINA

PSYCHOSTIMULANTS FROM THE PERSPECTIVE OF PERFORMANCE CULTURE: RISKS ASSOCIATED WITH MISUSE AMONG MEDICAL STUDENTS

Luara de Deus Branco Nobre¹, Daniel Tavares Leão dos Santos¹, Otávio Rodrigues Ferreira da Silva², Eveline Lopes de Almeida¹, Nadine Gabryella Pontes Maciel³, Maria Eduarda Siqueira de Medeiros¹.

1. Acadêmicos do curso de medicina da Afya Faculdade de Ciências Médicas de Garanhuns.
2. Acadêmico do curso de medicina da Universidade Estadual de Pernambuco.
3. Professora do curso de medicina da Faculdade de Ciências Médicas de Garanhuns.

E-mail da autora correspondente: dudamedicinafameg@gmail.com

Eixo Temático: Saúde

RESUMO

Na cultura contemporânea do desempenho, descrita por Byung-Chul Han, a exigência permanente de produtividade favorece processos de autoexploração e medicalização indevida. No contexto acadêmico, essa lógica tem impulsionado o uso não médico de psicoestimulantes por estudantes universitários sem diagnóstico de transtornos do neurodesenvolvimento, motivados pela expectativa de melhora da atenção e do rendimento cognitivo. Este estudo objetivou analisar os aspectos farmacológicos e as consequências orgânicas do uso indevido de psicoestimulantes no meio acadêmico, relacionando-os às pressões sociais da cultura do desempenho. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, baseada em artigos científicos e literatura filosófica, com buscas nas bases PubMed e SciELO. Os achados indicam que metilfenidato e derivados anfetamínicos atuam na modulação dopaminérgica e noradrenérgica, mas seu uso indevido associa-se à síndrome simpatomimérgica, riscos cardiovasculares, psiquiátricos e ao desenvolvimento de dependência. À luz de Han, esses fármacos funcionam como instrumentos para silenciar o cansaço e sustentar estados artificiais de hiperatenção. Conclui-se que tal prática expressa menos uma escolha individual e mais um sintoma de um modelo social centrado na performance.

Palavras-chave: Psicoestimulantes. Metilfenidato. Uso Indevido de Medicamentos. Estudantes. Medicalização.

ABSTRACT

In contemporary performance culture, as described by Byung-Chul Han, the permanent demand for productivity fosters processes of self-exploitation and improper medicalization. In the academic context, this logic has driven the non-medical use of psychostimulants by university students without a diagnosis of neurodevelopmental disorders, motivated by the expectation of enhancing attention and cognitive performance. This study aimed to analyze the pharmacological aspects and organic consequences of psychostimulant misuse in higher education, relating them to the social pressures of performance culture. This is a narrative literature review based on scientific articles and philosophical literature, with searches conducted in the PubMed and SciELO databases. The findings indicate that methylphenidate and amphetamine derivatives act on dopaminergic and noradrenergic modulation; however, their misuse is associated with sympathomimetic syndrome, cardiovascular and psychiatric risks, and the development of dependence. Lighted by Han's perspective, these drugs function as tools to silence fatigue and sustain artificial states of hyperattention. It is concluded that this practice reflects less of an individual choice and more of a symptom of a social model centered on performance.

Keywords: Psychostimulants. Methylphenidate. Prescription Drug Misuse. Students. Medicalization.

INTRODUÇÃO

Na era contemporânea, o sujeito encontra-se movido pelos padrões da sociedade do desempenho, um estado de esgotamento que Han¹ associa a um excesso de positividade e autocobrança, denominada “sociedade do cansaço”. Nesse mecanismo de adoecimento, o indivíduo vive sob autocobrança para obter bons resultados constantemente até a exaustão, independentemente do seu estado físico ou mental. Para sustentar esse ritmo, o uso não médico de psicoestimulantes tornou-se uma prática prevalente entre jovens e adultos no meio acadêmico.²

Comumente utilizados no tratamento farmacológico do Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), os psicoestimulantes são aplicados visando a melhora nos níveis de alerta e concentração, tendo como mecanismo de ação principal a modulação dos sistemas dopaminérgicos. Contudo, o uso indevido desses fármacos está altamente relacionado aos indivíduos que, mesmo sem a presença de transtornos do neurodesenvolvimento, buscam melhorar suas respostas cognitivas no meio acadêmico.³

MÉTODO

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, fundamentada na análise de artigos científicos e literatura filosófica relacionada ao tema. A busca bibliográfica foi realizada nas bases de dados PubMed e Scielo, utilizando-se os descritores “Metilfenidato” “Psicoestimulantes” “Uso indevido” e “TDAH” incluindo artigos nos idiomas português e inglês. Foram selecionados 5 artigos e 2 literaturas ao final de uma análise qualitativa e

crítica, com base em critérios predefinidos de inclusão e exclusão. A análise dos dados ocorreu de forma integrativa, em que as evidências científicas foram interpretadas sob o referencial teórico da “sociedade do cansaço”¹, buscando correlacionar o imperativo da performance com os riscos à saúde orgânica e mental.

RESULTADOS

Com resposta positiva e maior eficácia, os psicoestimulantes frequentemente prescritos no tratamento do Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) são o cloridrato de metilfenidato, sulfato de dextroanfetamina e uma combinação anfetamina/dexanfetamina. Entretanto, há riscos no seu uso, pois o uso repetido de doses elevadas pode causar alterações crônicas no funcionamento cardiovascular e, ainda, induzir o abuso e a dependência dessas substâncias.²

Além disso, há a toxicidade das anfetaminas, que possui como mecanismo central a liberação forçada de neurotransmissores. A toxicidade destas classes deriva de suas interações distintas, porém clinicamente convergentes, nas fendas sinápticas. Enquanto o metilfenidato atua predominantemente no bloqueio da recaptação sináptica através da inibição dos transportadores de dopamina (DAT) e noradrenalina (NET), os derivados anfetamínicos exercem uma ação celular mais invasiva.⁴ As anfetaminas utilizam esses transportadores como via de internalização neuronal, induzindo a reversão funcional do fluxo e promovendo a depleção vesicular aguda de neurotransmissores. Este mecanismo rompe a homeostase fisiológica, culminando em uma liberação maciça e desregulada de catecolaminas.⁴ Consequentemente, o sistema nervoso central é submetido a um estado de hiperexcitabilidade patológica, predispondo o organismo à perda do controle autonômico e à vulnerabilidade para o desenvolvimento de síndromes simpatomiméticas agudas.⁴

Entre os desfechos dessa condição, encontra-se o quadro clínico denominado síndrome simpatomimética, que é mediada pela ativação exagerada de receptores alfa e beta-adrenérgicos. Tendo como manifestações clínicas principais a agitação psicomotora, taquicardia e ansiedade, essa síndrome pode acarretar em casos mais graves sintomas psiquiátricos, como paranoia, delírios e ainda a psicose.⁵

A literatura aponta que o uso indevido de estimulantes ocorre com maior frequência entre estudantes universitários do que entre jovens fora desse contexto, condição que não pode ser explicada apenas por decisões individuais.² A facilidade de acesso e a ampla

circulação dessas substâncias no ambiente acadêmico contribuem para a sua naturalização, tornando o consumo uma prática socialmente compartilhada.²

Ainda que muitos estudantes relatem o uso pontual, geralmente restrito a períodos de provas e prazos acadêmicos, esse caráter esporádico não diminui sua relevância.² Pelo contrário, esses achados permitem compreender como o recurso farmacológico passa a ser mobilizado como resposta às exigências constantes de rendimento, produtividade e competitividade impostas pela vida universitária, reforçando a medicalização cotidiana.²

Na literatura filosófica, a cultura do desempenho é compreendida como expressão de um deslocamento do controle institucional para a autoexploração.¹ Conforme analisa Byung-Chul Han, o sujeito contemporâneo não se sente reprimido ou doente, mas insuficiente, internalizando as exigências de produtividade e eficiência. No contexto universitário, essa lógica favorece a mobilização de estimulantes cognitivos como resposta individualizada à pressão acadêmica, que deixa de ser percebida como imposição externa e passa a ser assumida como responsabilidade pessoal, reforçando processos de medicalização da vida acadêmica.¹

O estimulante químico é a materialização da hiperatividade na busca pela excelência acadêmica, pois silencia os sinais de cansaço do corpo, que seriam o limite biológico da exploração.¹ Ao transformar o corpo em uma “máquina” de alto rendimento, o estudante perde a capacidade de interromper a produtividade e vive em um estado de vigília que Han descreve como um “infarto da alma”.¹

Os resultados indicam que o uso de “smart drugs” reflete a mudança do sujeito da obediência para o sujeito de desempenho.¹ Para manter o estado de “poder fazer”, o estudante recorre a fármacos que atuam como substratos para transportadores de monoamina, especialmente o transportador de dopamina (DAT) e de norepinefrina (NET).⁵

Essa alteração neuroquímica artificial visa sustentar o que Han chama de “hiperatenção”.¹ No entanto, o aumento extracelular dessas substâncias pode levar a quadros de ansiedade severa, agitação e delírios⁵, o que coincide com a descrição de Han sobre a “violência neuronal”: um excesso de positividade (estímulo) que acaba por colapsar o sistema psíquico.¹

Em relação às consequências orgânicas, clinicamente, essa autoexploração forçada por estimulantes pode resultar em complicações graves como rabdomiólise e hipertermia.⁵ O risco de infarto do miocárdio e hemorragia intracerebral associado ao uso desses fármacos é a prova física do limite que a "Sociedade do Desempenho" tenta ocultar.⁵ Onde Han vê o "Burnout" e o cansaço isolante¹, a medicina observa a falência múltipla de órgãos decorrente de uma estimulação adrenérgica descontrolada. A insônia e a supressão do sono profundo são efeitos colaterais centrais.⁵

Em relação à pressão psicológica e social, os dados sugerem que o uso de estimulantes está ancorado em "expectativas de melhoria cognitiva".⁶ O estudante não consome apenas a substância, mas a promessa de uma produtividade inabalável. O estudante acredita que "pode tudo" se tiver o suporte químico correto. Segundo Looby e colaboradores⁶, essas expectativas são reforçadas pelo ambiente acadêmico, criando uma percepção de que o medicamento é um atalho necessário para o sucesso. A crença na eficácia do fármaco, mesmo sem comprovação de ganho real em pessoas saudáveis⁶, é o que alimenta a roda da Sociedade do Desempenho.¹ O estudante sacrifica sua saúde psíquica em nome de uma performance que, muitas vezes, é apenas uma "expectativa" socialmente construída.¹

CONCLUSÃO

A análise da utilização de psicoestimulantes cognitivos por estudantes (jovens e adultos) majoritariamente universitários revela um cenário onde a fronteira entre a busca pelo conhecimento e a patologização do desempenho torna-se cada vez mais tênue. A presente discussão demonstrou que o uso indevido dessa substância não é um evento isolado, mas um sintoma de uma transição de paradigma social: a ascensão do "sujeito do desempenho" e as crescentes demandas sociais atreladas a ele.⁷

Conclui-se que o uso de fármacos como metilfenidato e anfetaminas em indivíduos saudáveis sustenta-se em expectativas de melhoria cognitiva que não são necessariamente comprovadas cientificamente. Essa promessa que a sociedade do desempenho mascarada como autonomia e produtividade, revela como riscos orgânicos severos, incluindo toxicidade cardiovascular, crises psiquiátricas e o colapso do sistema nervoso através da "violência neuronal".⁷

Em suma, o enfrentamento desse problema nas universidades exige mais do que apenas o controle do acesso aos medicamentos: requer uma desconstrução das expectativas sociais de produtividade ininterrupta. É imperativo que as instituições de ensino promovam

um ambiente onde o direito ao repouso e a integridade da saúde mental sejam valorizados acima da performance métrica, evitando que a busca pela excelência acadêmica culmine no que a literatura define como o "infarto da alma", sendo a toxicidade clínica o preço que se paga para tentar se adequar à exigência do desempenho, com o desvio dos medicamentos um sintoma social desse processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Han B-C. Sociedade do cansaço. 2. ed. Petrópolis: Vozes; 2015.
2. Kaye S, Darke S. The diversion and misuse of pharmaceutical stimulants: what do we know and why should we care? *Addiction*. 2012;107(3):467-77.
3. Moreira JE, Gonçalves GKN, et al. Adverse events and safety concerns among university students using psychostimulants. *einstein (São Paulo)*. 2024;22:eAO0895.
4. Stahl SM. Fundamentos de psicofarmacologia de Stahl: guia de prescrição. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2019.
5. Spiller HA, Hays HL, Aleguas Jr A. Overdose of Drugs for Attention-Deficit Hyperactivity Disorder: Clinical Presentation, Mechanisms of Toxicity, and Management. *CNS Drugs*. 2013;27(7):531-43.
6. Looby A, De Young KP, Earleywine M. Challenging expectancies to prevent nonmedical prescription stimulant use: A randomized, controlled trial. *Drug Alcohol Depend*. 2013;132(1-2):362-8.
7. Sahakian BJ, Langley C. The increasing use of cognitive enhancing drugs by those with ADHD and neurotypical individuals: Societal demands, lifestyle preferences, and ethical issues. *Journal of Psychopharmacology*. 2026;0(0):1-12.